

Surf é Pensamento.

Danielle Fonseca

“O mar e seu alfabeto sem língua, sem linguagem ou gramática, é pura intensidade marcada por uma estética do efêmero, da qual o surfe é uma perfeita ilustração”

Daniel Lins in: Deleuze: O surfista da imanência

“As ondas concentravam-se, curvavam os dorsos e quebravam. Pedras e cascalhos espirravam no ar... As ondas já não visitavam as poças mais distantes, nem atingiam a linha preta e salpicada, irregularmente demarcada na praia.”, as palavras do livro ‘As Ondas’ da escritora inglesa Virginia Woolf já me levavam a uma entrega literária e de certa maneira vez ou outra me fazia pensar na minha relação com a praia, o mar, as ondas e o surf. Mas, após ler o texto ‘Deleuze: O surfista da imanência’ do filósofo Daniel Lins, percebi que o surf pertencia a outro campo, além dos esportes, o campo do pensamento. Mas, como discutir a relação entre a arte contemporânea, a filosofia e o surf, sem fazer a tão comum apologia de uma prática radical, de apenas tratá-lo como esporte de aventura? Tratá-lo nesse campo era abrir mão da estética do extremo e do efêmero que alguns esportes inspiram.

Comecei a surfar com 14 anos de idade e o primeiro elemento que me motivou a isso não foi o mar. Foi uma imagem de uma capa de revista, uma foto. Sou natural de um lugar que não tem mar como paisagem principal, mas tem os maiores braços de rio do mundo, a Amazônia. Aquele azul salgado entre o secreto e o inalcançável não pertencia a meu dia-a-dia.

Todo surf que pude conceber ou praticar durante um bom tempo, foi meramente teórico, e quando comecei a ir às praias com uma morey boogie amarela debaixo dos braços em busca da tal onda perfeita, me deparei com um rio que - de 12 em 12 horas- dependendo do vento, da entrada de correntes marítimas, fazia as minhas tão sonhadas ondas.

Portanto, comprovo mais uma frase de Gilles Deleuze “O surfista pensa o que faz”. Antes de continuar vale entender como, ou melhor, quem começou a inserir o filósofo francês no mundo do surf. Em meados de 1987/1988 um surfista e estudante de filosofia chamado Gibus de Soultrait, procura o filósofo Gilles Deleuze após ter notícias de seu Abecedário, neste o filósofo francês falava sobre uma certa ‘teoria das dobras’ (muito estudada em artes visuais). Surge desde aí uma correspondência entre um surfista e um filósofo. “Quando se pensa no homem que viveu [no final de sua vida] isolado em seu apartamento em Paris, por causa de uma saúde deficiente, é de se admirar que ele tenha percebido com tanta clareza o eco de nossas ondas e nosso

modo de se deixar tomar por elas surfando. A isso também, nós surfistas, não poderíamos ficar indiferentes”, disse Gibus. Essa abertura da filosofia, à nossa prática do oceano, por um de seus grandes mestres do século XX, era a prova de uma juventude e de uma acuidade com o exterior, raras. Foi então, que nos apressamos, entramos em contato com Deleuze, através de nosso editor... e, para nossa surpresa, à nossa simples solicitação de que nos honrasse com algumas linhas para nossa revista, ele respondeu”, não com uma recusa, mas com a vontade de conhecer o surf.

Aproveitando a ocasião, os surfistas o convidaram a participar da festa “A Noite do Escorrego”, no célebre cinema Rex de Paris. “Trazer esse filósofo tão delicado e discreto para tamanha bagunça, encontro de escorregadores frenéticos, tinha algo de extraordinário, inédito”. O filósofo, enfermo, cansado foi, discretamente, à “Noite do Escorrego” ou “La nuit de la glisse”. Alguns dias depois, os surfistas receberam uma mensagem de Gilles Deleuze:

“Obrigado por vossa delicadeza. Fui ao Rex, o público jovem despertou uma mistura de angústia (leve) e de jubilação, mas, sobretudo, os filmes me impressionaram muito. Há ali, evidentemente, uma combinação matéria-movimento muito nova. Mas também uma outra maneira de pensar. Estou certo de que a filosofia é concernida pelo surf”
SOULTRAIT, Gibus de. In: Surfer’s Journal, Paris,dez. 1995.

Na verdade Gilles Deleuze apareceu na vida de Gibus em 1975, antes de embarcar em suas viagens, sozinho, pedindo carona em barcos ao redor do mundo. Foi ouvindo um disco de um grupo revolucionário de rock chamado Heldon (Richard Pinhas) que “ouvi pela primeira vez Deleuze recitando ‘O viajante’ ou ‘O andarilho’ de Nietzsche”, contou Gibus num texto que foi publicado recentemente na revista Philosophie Magazine na França.

Mas afinal, uma correspondência é uma troca ou uma contrapartida? ‘Tecer encontros’ é isso que me diz Gibus num texto enviado por e-mail no início de junho de 2012. Pois é, agora sou eu quem troca cartas (eletrônicas) com o – atualmente – editor da revista francesa Surf Session, (desde 2010), ano que iniciei a pesquisa “As Ondas: Um encontro de escorrego entre arte e surf”. Encontrar Gibus de Soultrait (isso inclui horas de busca virtual), escrever para ele e finalmente conversar via *skype* com ajuda de um amigo tradutor foi de certa maneira repetir (o que parafraseei de um filme) ‘the path of the

modern gypsy' ou a trilha de um cigano moderno.

Na verdade acredito estar em busca de um caminho onde possa apresentar o surf como uma expressão de singularidade artística de tal maneira que ele fique próximo da arte ou do pensamento artístico. Surfar é criar movimento. Arte é criação. Podemos encontrar entre o surf e a arte contemporânea certa performance no comportamento, pois assim como na dança, convenhamos "o surfista é um equilibrista dançarino de uma cena líquida".

Há também, como disse o filósofo Daniel Lins o "trabalho, a técnica, o treino, a escuta do corpo, da onda e alianças desses dois elementos nutrem a sensação do surf-imagem-movimento, inserido numa filosofia vitalista, a imanência, uma vida". Falo de vida, pois acredito que, como disse o filósofo Benedito Nunes: "os dois movimentos, o natural, inerente às coisas, e o prático, próprio da arte, saem da mesma fonte".

Em seu célebre Abecedário, Gilles Deleuze contou:

"Tive uma experiência, os dobradores de papéis chegam e dizem: a dobra somos nós. Os outros, que me enviaram o mesmo tipo de carta, é incrível, foram os surfistas. À primeira vista não há relação alguma com os dobradores de papéis. Os surfistas dizem: "concordamos totalmente, pois, o que fazemos? Estamos sempre nos insinuando nas dobras da natureza. Para nós, a natureza é um conjunto de dobras móveis. Nós nos insinuamos na dobra da onda, habitar a dobra da onda é a nossa tarefa. Habitar a dobra da onda e, com efeito, eles falam disso de modo admirável. Eles pensam, não se contentam em surfar, eles pensam o que fazem. Tive um encontro com o surfe, literalmente, saí da filosofia pela filosofia, é isso um encontro".

O surfista, ao contrário do nadador, dispõe de um material extra-humano: a prancha e a força motora extracorporal, isto é, a vaga. As vagas, diria Manoel de Barros, não servem para nada, só para poesia, artes, cinema e, porque não, para surfar. Seríamos nós artistas, surfistas da imanência?

Danielle Fonseca, 1975. Vive e trabalha em Belém, PA.